

## **A MULHER EM BUSCA DA SUA TOTALIDADE:**

**um estudo do poema 'Aviso da lua que menstrua' de Elisa Lucinda**

**Patricia Maria dos Santos Santana <sup>1</sup>**

### **Resumo:**

O presente artigo procura fazer um estudo da poesia "Aviso da lua que menstrua" de Elisa Lucinda no que concerne o alcance da totalidade da mulher contemporânea. A libertação e a autorrealização femininas ocorrem no momento que a mulher da atualidade se desvencilha de padrões de conduta autoritários e limitadores. Paradoxalmente, ao mostrar fragmentos do imaginário social é que a autora consegue um entendimento da totalidade feminina. Através da criação artística e do vigor de Eros, Lucinda mostra-se por inteiro em suas poesias representando também, de tal forma, a mulher de nosso tempo.

**Palavras-chave:** Mulher. Poesia. Totalidade.

### **Abstract:**

This article aims at analyzing the poems "Aviso da lua que menstrua" written by Elisa Lucinda concerning to the reach of contemporary woman's totality. Women's liberation and self realization occur at the moment that the woman of today breaks away the authoritarian standards of conducts and limiters. Paradoxically, while showing social imaginary in fragmented parts is that the authoress gets an understanding about female totality. Through artistic creation and the force of Eros is that Lucinda entirely shows herself in poetry also representing, in such a way, the woman of our time.

**Key Words:** Woman. Poetry. Totality.

### **Considerações iniciais:**

*Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.*  
SIMONE DE BEAUVOIR

*Cesse de uma vez meu vão desejo*  
*De que o poema sirva a todas as fomes.*  
ADÉLIA PRADO

---

<sup>1</sup> Graduou-se em Letras pela UFRJ. É especialista em Língua Inglesa e em Docência do Ensino Superior. cursou mestrado em Letras e Ciências Humanas e, atualmente, é doutoranda do Programa de pós-graduação em Literatura Comparada pela UFRJ.

*As formas pelas quais atualmente levantamos questões de sexos e sexualidade, leitura e escrita, subjetividade e enunciação, voz e performance são impensáveis sem o impacto do feminismo, mesmo que muitas dessas atividades possam ocorrer na margem ou até fora do movimento em si.*  
ANDREAS HUYSSSEN

Elisa Lucinda procura alcançar, através da criação artística, sua totalidade feminina representando, assim, a si mesma e a mulher de sua época. A autorrealização e a libertação femininas ocorrem no momento que a mulher da atualidade se desvencilha de padrões de conduta autoritários que a limitam. Através do vigor de Eros, Lucinda mostra-se por inteira em seu fazer artístico. Paradoxalmente, ao mostrar fragmentos do imaginário social é que a autora consegue um entendimento de sua plenitude, como veremos no estudo do poema “Aviso da lua que menstrua”.

Os artistas procuram decifrar os mistérios da arte. A verdade talvez seja para o artista o melhor que a arte pode lhe oferecer, mesmo sem existir um consenso sobre o que significa ser a arte ou, ainda, a própria verdade. O artista é aquele que funde o seu próprio mistério com o mistério que a arte mantém, pois, algo se concretiza diante de seus olhos. É possível que o artista, ao contemplar o resultado de seu trabalho, perceba a sua verdade. Exatamente de Eros, ou seja, dessa pulsão de vida que está presente no ato da criação artística, vem a vontade de quem cria manifestar o que há no seu interior. De acordo com a personagem da sacerdotisa Diotima de Mantinea, no *Banquete* de Platão, é Eros quem estimula a criação de homens que denominamos poetas e inventores. O erotismo deriva-se de impulsos sexuais, mas é capaz de ultrapassá-los se revelando mesmo em contextos onde é grande a repressão à sexualidade, em casos de extrema sublimação dos impulsos sexuais. Em nosso estudo específico, nós podemos afirmar que a mulher artista da atualidade, representada aqui na poesia de Lucinda, visa o encontro de sua completude. Ela não se anula como ser desejante e faz de sua obra um processo para alcançar o seu todo. A mulher que aparece nos mitos e na literatura como fonte de toda a vida, como aquela que gera (por analogia simbolizada pela terra), é também aquela que devora, que traz a morte ao mundo dos homens (a terra sendo também túmulo). Afinal, se morte e vida se misturam, sobretudo, no momento da reprodução, é natural que a mulher, como elemento gerador, conviva intimamente com esses fenômenos. Representações do feminino

se encontram expressas nos relatos dos pagãos e dos cristãos. A própria *Bíblia* traz exemplos inesgotáveis da necessidade de proteger as mulheres e de, ao mesmo tempo, se proteger delas. Mulheres que, silenciosas e passivas, ameaçavam a ordem da humanidade, sobretudo durante a menstruação e a gravidez, estados considerados impuros e que as remetem naturalmente à conexão erótica. Hoje em dia, encontramos na criação artística feminina, ou melhor, na sua pulsão de Eros, artifícios que a mulher usa para se libertar das imposições sociais e tentar se mostrar em plenitude.

Freud desenvolve o conceito de pulsão em muitos dos seus ensaios. Ele relatou que as pulsões são entidades míticas magníficas em sua imprecisão, uma vez que a *“nossa civilização foi construída à custa das tendências sexuais que, sendo inibidas pela sociedade, são, com efeito, em parte reprimidas, mas, em parte, transformam-se utilizáveis em outros fins”* (1932, p. 137). O poder de transformação proveniente da pulsão, conforme aponta o texto, reside não apenas na repressão da energia sexual, mas, especificamente, na utilização de parte da libido para outros fins que não os de satisfazê-la sexualmente. Em específico, encontramos em Freud a possibilidade de utilização da energia sexual de forma não sexual, isto é, dessexualizada, enquanto energia dirigida, ou seja, canalizada, para outros fins, precisamente chamada pelo psicanalista de sublimação. A obra artística, por assim dizer, canaliza o pulsão do autor na forma estética, proporcionando satisfação ao artista, na medida em que suporta a expressão do representante pulsional. Através da arte podemos impedir que a sensação de prazer seja apagada. Na arte repete-se o modelo da criação, que é a concepção a partir do nada. O verdadeiro artista é aquele que consegue lidar com seus conteúdos inconscientes, indo além do recalçamento, trazendo-os transformados em algo novo, seja esse algo novo uma pintura, uma escultura, uma canção, um poema, fazendo com que outros compartilhem dessa criação, através daquilo que sua obra desperta em cada um.

Octavio Paz (1994) nos conta que o princípio básico da linguagem é a comunicação e a natureza primeira da sexualidade é a reprodução. Na poesia, porém, a linguagem desvia-se de seu fim natural que é a comunicação para dar lugar a sugestões e imagens criadas por uma linguagem inteiramente simbólica.

Por sua vez, algo semelhante ocorre com o erotismo quando põe entre parênteses a reprodução para dar lugar à imaginação, ao prazer pelo prazer. Explica-se o caráter subversivo tanto do erotismo como da poesia. O autor reitera essa afirmação dizendo que a poesia possui um caráter de periculosidade que é inerente ao seu exercício e é constante em todas as épocas e em todos os poetas. Na criação do artista, através do vigor de Eros, existe uma busca pela totalidade. A força contida nesse querer não significa necessariamente que essa totalidade será alcançada. O desejo de transgressão só se desperta mediante a presença de um interdito. O impulso pela totalidade do ser vem do desejo de reviver a plenitude da natureza primordial de seres únicos e plenos (explicada desde a antiguidade pelo mito da androginia). A arte revela essa pulsão de Eros à totalidade do ser, sempre em busca da permanência do momento efêmero do gozo; ela procura perpetuar o tempo fugaz do prazer.

Durante anos, a visão social da mulher foi uma visão forjada pelo poder patriarcal e a literatura é uma forma de reagirmos à insatisfação. Com o passar dos anos, ou seja, desde a libertação feminista aos dias de hoje, a escrita feminina toma contornos próprios e se posiciona como uma forma de resgate ao que foi perdido. A mulher vem se mostrando como sujeito social em nome de sua moral, moral esta que fora concebida pelos moldes masculinos e pelo pensamento da sociedade patriarcal. Carol Gilligan (1997) define a moral feminina como uma moral que altera uma perspectiva hierárquica dando lugar a uma visão de que o eu e os outros serão tratados como tendo o mesmo valor, e que, apesar das diferenças na posse do poder, as coisas correrão com justiça e que todos obterão resposta e não serão excluídos. A moral das mulheres não é exclusivista, mas inclusiva, onde todos podem ter vez e voz. A ideia de inferioridade em relação à mulher vem desde a antiguidade, tendo-se em relevância o pré-estabelecimento de uma superioridade masculina. A visão que a sociedade tem da mulher é resultado de uma concepção unilateral que o homem criou da mesma. O problema reside no fato que a mulher é vista na construção social como “o outro” do homem, aquela que nasceu para cuidar do lar e para viver para toda a família, ou seja, viver para o marido e para os filhos. Ela mesma é colocada em segundo plano, sem expressar suas vontades, sem manifestar seus desejos: *“o homem transforma-a em instrumento. Meio para obter o conhecimento e o prazer, via para atingir a*

*sobrevivência, a mulher é ídolo, deusa, mãe, feiticeira ou musa, conforme aponta Simone de Beauvoir, mas nunca pode ser ela mesma*". (PAZ, 1992, p. 178)

Elisa Lucinda é poeta e atriz brasileira que nasceu em 02 de fevereiro de 1958 na cidade de Vitória, no Espírito Santo. Formou-se em jornalismo e decidiu viver no Rio de Janeiro, em 1986, para seguir a carreira de atriz. Aqui nos interessa a Elisa Lucinda poeta. Seu primeiro livro de poesias foi *O Semelhante*, lançado em 1995. Desde então, não mais parou. Arriscou-se também no universo da literatura infantil com suas obras *O Órfão Famoso*, *O Menino Inesperado*, *A Menina Transparente* e *Lili, a Rainha das Escolhas*. A temática cotidiana de sua poesia é o que torna atraente o seu trabalho e a insubmissão da figura feminina em sua escrita destaca a luta da poeta em relação a sociedade patriarcal na qual fomos inseridos. Lembrando o conceito definido por Deifelt (2004, p.28) que diz que "*A arte não é somente uma representação da vida do artista, mas uma codificação simbólica de sua própria existência*", nós podemos afirmar que a autora estudada neste artigo busca criar com base na vida pessoal e que, também, representa a vida de diversas mulheres contemporâneas. Para desfazer as amarras do poder presentes na história tradicional que priorizou o sexo masculino como soberano, é que se mostram os jogos de escrita do poema aqui apresentado, exaltando, através da arte, a força da mulher que segue em busca de sua libertação e de sua totalidade.

## **Sobre a poesia:**

A poesia discorre sobre o feminino em seu âmago. Primeiramente, faremos menção ao nome do poema de Elisa Lucinda. "Aviso da Lua que Menstrua" nos mostra a relação homem/mulher ou, especificamente, o tratamento do homem para com a mulher. O poema foi interpretado pela primeira vez por Elisa Lucinda no espetáculo "Parem de falar mal da rotina", de 2010. Em tom jocoso, o eu-lírico

confere um ar amistoso ao destinatário, aconselhando que o sexo oposto tome certas cautelas com o ser feminino, agindo contra o pressuposto social de dominação masculina. Conforme nos narra Bourdier, essa força masculina dispensa comentários por estar fortemente ratificada no contexto de dominação de nossa sociedade:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça (...) (BOURDIEU, 1999, p. 18)

Lucinda reforça que apesar do poder que é conferido ao homem desde os primórdios, um poder que não precisa ser lembrado a todo momento de tão arraigado em nossa sociedade, ele, homem, necessita cuidados e não deve subestimar o outro gênero, ou seja, o gênero considerado vulnerável, dominado e sem voz social. O poema é rico em ironia e esta já se apresenta no título do texto. A ênfase dessa ironia está justamente no fato de que quem aconselha precaução ao homem sobre a mulher é “alguém” também do gênero feminino, aqui entre aspas por ser a lua (em determinada parte do poema a própria lua se confessa ‘mulher’ no verso “*conheço cada uma, além de ser uma delas*”) aproveitando, assim, o ensejo para expor suas próprias considerações sobre o sexo masculino. Vejamos o poema por completo:

#### ***Aviso da Lua que menstrua***

Moço, cuidado com ela!  
Há de se ter cautela com esta gente que menstrua...  
Imagine uma cachoeira às avessas:  
Cada ato que faz, o corpo confessa.  
Cuidado, moço  
Às vezes parece erva, parece hera  
Cuidado com essa gente que gera  
Essa gente que se metamorfoseia  
Metade legível, metade sereia.  
Barriga cresce, explode humanidades  
E ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar

Mas é outro lugar, aí é que está:  
Cada palavra dita, antes de dizer, homem, reflita..  
Sua boca maldita não sabe que cada palavra é ingrediente  
Que vai cair no mesmo planeta panela.  
Cuidado com cada letra que manda pra ela!  
Tá acostumada a viver por dentro,  
Transforma fato em elemento  
A tudo refoga, ferve, frita  
Ainda sangra tudo no próximo mês.  
Cuidado moço, quando cê pensa que escapou  
É que chegou a sua vez!  
Porque sou muito sua amiga  
É que tô falando na "vera"  
Conheço cada uma, além de ser uma delas.  
Você que saiu da fresta dela  
Delicada força quando voltar a ela.  
Não vá sem ser convidado  
Ou sem os devidos cortejos..  
Às vezes pela ponte de um beijo  
Já se alcança a "cidade secreta"  
A Atlântida perdida.  
Outras vezes várias metidas e mais se afasta dela.  
Cuidado, moço, por você ter uma cobra entre as pernas  
Cai na condição de ser displicente  
Diante da própria serpente  
Ela é uma cobra de avental  
Não despreze a meditação doméstica  
É da poeira do cotidiano  
Que a mulher extrai filosofando  
Cozinhando, costurando e você chega com mão no bolso  
Julgando a arte do almoço: eca!...  
Você que não sabe onde está sua cueca?  
Ah, meu cão desejado  
Tão preocupado em rosnar, ladrar e latir  
Então esquece de morder devagar  
Esquece de saber curtir, dividir.  
E aí quando quer agredir  
Chama de vaca e galinha.  
São duas dignas vizinhas do mundo daqui!  
O que você tem pra falar de vaca?  
O que você tem eu vou dizer e não se queixe:  
Vaca é sua mãe, de leite.  
Vaca e galinha...  
Ora, não ofende. enaltece, elogia:  
Comparando rainha com rainha  
Óvulo, ovo e leite  
Pensando que está agredindo  
Que tá falando palavrão imundo.  
Tá, não, homem.  
Tá citando o princípio do mundo!

Em seus conselhos, a voz feminina apela para o “cuidado” que o homem deve ter em relação à mulher, enfatizando assim, indiretamente, a força feminina. A cada menção de “cuidado”, o eu-lírico subverte a ideia de estar realmente

alertando. O eu-lírico da poeta parece, durante seus conselhos, estar mais preocupado em reivindicar um antigo conflito social do que alertar o homem sobre qualquer coisa. A mulher possui representações sociais antagônicas, podendo aparecer nos mitos e na literatura como fonte de vida, como aquela que gera, mas também podendo representar aquela que destrói e traz a morte ao mundo dos homens, fundindo morte e vida, Thanatos e Eros. Tais paradoxos femininos se encontram expressos em histórias que vão dos pagãos aos cristãos com exemplos inesgotáveis da necessidade de proteger as mulheres e de se proteger delas. Ao rebelar-se contra estereótipos pejorativos, é comum encontrar na criação artística feminina contemporânea, ou melhor, na sua pulsão de Eros, mecanismos em que ela lança mão para se mostrar em sua plenitude e se desvencilhar de conceitos criados para ela.

Importante dizer que as mulheres poetas apreciam falar de particularidades femininas no ato da escrita. A alusão ao ato de menstruar é uma dessas situações. No poema é mostrado que a lua menstrua por carregar a marca do sexo feminino e que a própria mulher sangra a cada mês. Como já citamos anteriormente, a menstruação era vista como algo impuro ao longo da formação de diversas sociedades. Agora, o corpo feminino e suas peculiaridades acabam se tornando grandes aliados à escrita libertadora, pertencendo a uma nova visão que aponta que *“as regras, o parto, o aleitamento, os seios, a vagina, o útero, não são apenas o corpo em si, mas a metáfora de uma percepção do mundo vivenciado a partir dessa morada específica e insubstituível do feminino”* (OLIVEIRA, 1990, p.157). A mulher passa a fazer daquilo que antes era angústia perante a sociedade a sua melhor forma de expressão de vida. Essa, digamos, dicção feminina é bem-vinda e faz toda a diferença no processo criativo.

Na segunda estrofe, a poeta realça a questão do duplo, do dúbio e do andrógino nesse ser tão cheio de mistérios que é a mulher. O mito do Andrógino está presente no *Banquete* de Platão. Tal mito contado na obra através de Aristófanes nos mostra que o andrógino, mais do que ser um e outro, homem (andros) e mulher (gyno), é ser um só. No início, a raça dos homens não havia dois sexos, mas três: o homem, a mulher e a união dos dois, o andrógino. Andrógino é o ser quase perfeito porque, assim como os deuses, ele contém em si mesmo todas

as oposições, ele se basta a si mesmo e, por ser completo e fecundo, dá a luz a si próprio. Essa criatura primordial era redonda; sua força era extraordinária e seu poder, imenso. Foi cortada ao meio por Zeus como forma de castigo por se rebelar contra os deuses. Assim, a mulher parece possuir androginia nos versos de Lucinda ao se apresentar em metades e se metamorfosear sendo metade legível (passível de compreensão) e metade sereia (impossível de se entender, uma vez que o canto da sereia é, deveras, alucinante). Além disso, também apresenta o formato redondo do poderoso ser andrógino no momento mais espetacular de sua existência, ou seja, durante a gestação. A maternidade é citada na poesia como fonte de poder e força. Daí podermos entender a relação da mulher com o poderoso ser andrógino citado no *Banquete*, alertando para o fato em “*cuidado com essa gente que gera*”. O corpo da mulher é local místico. Além de gerar outro corpo, ele é capaz de abrigar os próprios desejos dela. Essa é uma questão importante para se tratar a visão da escrita feminina. O corpo entra nesse contexto de vigor da escrita como arma de combate, como forma de expressão da mulher que o habita. O que ela escreve em sua narrativa ou poesia é uma expressão de seu conhecimento e daquilo que vivencia, uma vez que devemos ter sempre muito clara a concepção de que a linguagem é, segundo Eni Orlandi (2001), um modo de produção que não é neutro, inocente ou natural. Ela se engaja em uma intencionalidade e ocupa lugar privilegiado na manifestação de uma ideologia.

É mesmo imprescindível estarmos conscientes da relação da linguagem com o conhecimento e com a cultura. Em versos da terceira estrofe, nós vemos exatamente essa relação cultural com a mulher no momento que Lucinda cita os afazeres vistos como restritamente femininos em “*a tudo refoga, ferve e frita*”. A arte deve subverter uma ordem, fazer olhar o “natural” com outros olhos. Deve estar livre das amarras que mantém servil a uma ordem pré-determinada, sempre sintonizada ao seu tempo. A poesia feminina apresenta-se bastante engajada com as causas que lhe tocam e certas bandeiras se tornaram importantes para poetas preocupadas em estabelecer uma conexão entre o poético e a sociedade contemporânea. No poema em discussão, justamente no trecho “*Tá acostuada a viver por dentro,/Transforma fato em elemento/A tudo refoga, ferve, frita*”, mostra atitudes consideradas peculiares ao sexo feminino como refogar, ferver, fritar (ou seja, verbos que restringem a mulher e a relacionam à cozinha e ao mero ato de

cozinhar) para indiretamente desconstruir e dar a entender que essa mesma mulher também pode refogar, ferver e fritar tudo aquilo que a incomoda, ou seja, destruir tudo isso, uma vez que está acostumada a viver com intensidade, acostumada a viver por dentro.

Amor e Sexo são mostrados em suas diferenças dentro do universo feminino pela Lua conselheira. A Lua avisa ao homem que para chegar de fato até uma mulher não precisa ser necessariamente pela junção carnal. Muitas vezes, somente com o romantismo isso pode ocorrer, destacando que um beijo chega, por vezes, a ser mais representativo que o próprio sexo: “*Às vezes pela ponte de um beijo/Já se alcança a "cidade secreta"/ A Atlântida perdida/ Outras vezes várias metidas e mais se afasta dela*”. Na não glorificação do sexo, a poeta mostra a importância dos sentimentos para a mulher.

O órgão genital masculino é descrito no poema através da figura da cobra em uma linguagem bastante informal. Contrapondo-se ao falocentrismo do discurso social, uma comparação fálica abre portas no poema para mostrar que há de se ter cuidado com a mulher que, por sua vez, também é ‘cobra’, porém, é uma ‘cobra de avental’, descrevendo, de tal maneira, a perspicácia feminina em seu universo muitas vezes visto como insignificante. A poeta diz que é do cotidiano que extrai a sabedoria para entender o mundo feminino e criar forças para combater o universo masculino. A todo o momento da construção do poema, o eu-lírico deixa claro ao homem o estrago que palavras masculinas podem fazer no universo feminino. Nos xingamentos destinados ao sexo frágil, a metáfora da cobra para a mulher é benigna e positiva, assim como as metáforas que seguem no poema como a da vaca e a da galinha que são citadas mais adiante. Aquilo que poderia ser condenado e visto como pejorativo na sociedade contemporânea acaba de ser contemplado pela autora com uma visão carnalizante, uma visão que se liberta do lado negativo que essas palavras denominam quando adjetivadas, representando muito bem as estratégias que caracterizam a construção poética da identidade feminina na poesia de Elisa Lucinda.

O alto potencial subversivo na poesia nos remete diretamente a uma identidade feminina contestadora do poder masculino. O homem que agride a mulher, seja física ou verbalmente, é o mesmo que se esquece de desejá-la e que,

por isso, também perde o seu valor como homem. O eu-lírico se apropria, pois, de um nome de um animal, agora o cão, para denominar o agressivo perfil masculino. E se, na poesia de Lucinda, existe sempre uma grande preocupação política com a imagem que a mulher representa socialmente, é justamente ao exaltar os problemas domésticos, cotidianos e ao falar de temas como amor e sexualidade dentro do universo feminino, que a poeta consegue aliar tradição e ruptura, especialmente através da tensão entre verdadeira postura feminina e o que se espera socialmente da figura da mulher. Ao subverter condutas tidas como clássicas e cristalizadas no ambiente social, a poeta obtém o que necessita. Menciona que “*é da poeira do cotidiano/ Que a mulher extrai filosofando*” toda a sua meditação, ou seja, toda a sua consciência política. Mostra que está ciente de tudo, inclusive está ciente do pensamento minimizador do sexo oposto em relação a sua figura. E, uma vez ciente de tudo isso, é mesmo bom que o homem tome cuidado com ela.

### **Considerações Finais**

A literatura sempre foi um mundo dominado pelo masculino e quando as mulheres escrevem há uma especificidade que diz respeito ao seu mundo. É a universalização das vivências humanas, tocando a sensibilidade, e fazendo uma transcendência do gênero. Existem particularidades e temáticas próprias das mulheres. O feminino foi se construindo, formando um painel que permite uma multiplicidade de movimentos e leituras. Este feminino se interroga constantemente e procura falar não apenas por si, mas por todas as mulheres que formam nossa época. A arte é expressão de algo belo e pungente. É expressão de um ideal individual e cultural, procurando produzir no outro uma sensibilidade. Barthes (1973) diz que o texto deve nos desejar. A atividade literária que percebemos nas mulheres atuais é exatamente o prazer de se constituírem como seres atuantes no seio social, pois reconhecem que são seres na direção de uma nova ordem, sem verdades oraculares, e que se expandem em desejos, provocam o sonho, provocam a fantasia e o poema. Hoje, ser mulher escritora é também desconstruir um universo cristalizado que determina papéis ou espera do feminino

atitudes pré-estabelecidas vinculadas à santidade, à pureza, à castidade e à maternidade.

No poema estudado, as mulheres de Lucinda são representadas pela lua, pela sereia; também são cobras, vacas, galinhas, erva e hera. A autora aproveita para mesclar ideias, sentimentos e, assim, representar não apenas o pensamento que a sociedade tem da figura feminina, assim como a própria ideia que a autora tem de si e da própria mulher. Fragmenta visões para chegar a um todo. Mostra-se através de diversas definições para encontrar uma possível totalidade. Avisa que mulheres são seres dotados de valor, apesar do gênero masculino pouco lhe atribuir isso. Em nome de uma causa nobre, a do reconhecimento, Lucinda escreve com espírito de união, muito remetendo a uma irmandade em busca de voz social, negando o patriarcalismo e experimentando uma escrita que transcende para além do prazer e da censura. Agora, é como se a figura da mulher, além de representar cada autora feminina, também representasse uma coletividade cujo intuito maior é desmistificar o poder androcêntrico, numa luta sem ódio. Elisa Lucinda tenta alcançar a plenitude de seu eu, alcançar uma totalidade plena que, por vez, também representa a totalidade de toda mulher. Apesar de ser uma totalidade impossível de se conquistar, pois, vivemos sob a condição de sermos seres incompletos por natureza, fica na poesia dela o registro de se alcançar algo que chegue o mais perto disso.

Com base na própria existência e experiência de vida, ou melhor, em sua condição pessoal, Lucinda acredita que a literatura pode e deve mudar o mundo. Pela poesia, ao buscar a totalidade de si mesma através do vigor de Eros, representa a mulher de modo geral, fazendo de seus poemas e de sua vida uma espécie de microcosmo para representar todo um pensamento feminino em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

APULEIO, Lucio. **O Asno de Ouro**. Lisboa. Publicações Europa/América.

- BARTHÉS, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- BATAILLE, Georges. In: BLOCH, R. Howard. **Misoginia Medieval: a invenção do amor romântico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- \_\_\_\_\_. **O Erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- DEIFELT, Wanda. “O corpo em dor”. In: **À Flor da Pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2004.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**. vol.7. Lisboa: 1932.
- GILLIGAN, Carol. **Teoria Psicológica e Desenvolvimento da Mulher**. Lisboa: LCG, 1997.
- HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?” In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LUCINDA, Elisa. “Aviso da lua que menstrua”. 1993.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy. “A cicatriz do andrógino”. In: **Revista Tempo Brasileiro**. RJ: 1990.
- PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PLATÃO. **O Banquete**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. São Paulo: E.P.U., 1991.
- SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999